

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO
Instituto Olímpico Brasileiro

CURSO AVANÇADO DE GESTÃO ESPORTIVA

UM COMPARATIVO ENTRE AS ESTRUTURAS DO JUDÔ BRASILEIRO E
AS PRINCIPAIS ESCOLAS ADVERSÁRIAS: JAPÃO E FRANÇA

Por: Bernardo Seabra
Confederação Brasileira de Judô
Jornalista – Especialista em Marketing

Orientador:
Prof. Luciano Salamacha

Rio de Janeiro
2015

RESUMO

UM COMPARATIVO ENTRE AS ESTRUTURAS DO JUDÔ BRASILEIRO E AS PRINCIPAIS ESCOLAS ADVERSÁRIAS: JAPÃO E FRANÇA

O presente trabalho tem como objetivo geral fazer um comparativo em diversos aspectos estruturais das três principais escolas de judô do Mundo: Japão, França e Brasil além de demonstrar paralelos para que ações feitas pelos adversários possam ser aplicadas a nossa realidade. As ferramentas utilizadas foram pesquisas de bibliografias que pudessem contribuir para a análise da escola japonesa e da escola francesa de Judô. Além de entrevistas com especialistas que pudessem trazer outros dados que auxiliassem em atingir o objetivo deste trabalho. As análises e as sugestões de ações levam ainda em consideração as visões de seu autor, praticante da modalidade desde os três anos de idade, faixa preta, e que atua na área de gestão de alto rendimento da CBJ há quatro anos. Nossos adversários investem maciçamente na modalidade a pelo menos 30 anos com quantias muito maiores das que a Confederação jamais dispôs, logo é importante salientar que as propostas apresentadas são possíveis soluções para o desenvolvimento do esporte que mais medalhas trouxe para o Brasil em Jogos olímpicos.

Palavras-chave: judô, judô francês, judô Japonês, administração esportiva, estrutura organizacional, estrutura esportiva, história do judô, ensino de judô

ABSTRACT

A COMPARISON BETWEEN THE STRUCTURES OF BRAZILIAN JUDO AND MAIN OPPOSING SCHOOLS: JAPAN AND FRANCE

This work has as main objective to make a comparison on various structural aspects of the three main judo schools in the world: Japan, France and Brazil, besides demonstrate a parallel to actions made by opponents that can be applied to the Brazilian reality. The tools used were bibliographies research that could contribute to analyses the Japanese and the French Judo Schools. As well as interviews with experts who could bring other data that would help in achieving the objective of this work. The analyzes and suggestions also take into account the personal views of its author, practitioner of the sport since three years old, black belt, and working in high performance management area at Brazilian Judo Confederation for four years. Our adversaries invest massively at least during the last 30 years with much larger amounts of the CBJ could ever had. Therefore, it is important to emphasize that the proposals made here are possible solutions for the development of the sport that brought more medals for Brazil in Olympic Games.

Keywords: Judo, French judo, Japanese judo, sports management, organizational structure, sport structure, history of judo, judo school

1. Introdução

A Confederação Brasileira de Judô (CBJ) foi fundada em 18 de março de 1969 e reconhecida em 1972. No mesmo ano, o Judô Brasileiro começava o seu caminho até se tornar, após os Jogos Olímpicos de Londres 2012, o esporte que mais medalhas trouxe para o Brasil em edições de jogos Olímpicos.

Após a o bronze de Chiaki Ishii em Munique na categoria meio pesado, o Brasil voltou a subir no pódio Olímpico em 1984, Los Angeles. De lá pra cá, após 8 edições de Jogos olímpicos, não houve nenhuma em que o Judô brasileiro não tenham conquistado ao menos uma medalha. São dezenove medalhas ao todo.

Ao longo destes mais de quarenta anos de vida, a CBJ modernizou sua estrutura e sua organização. Principalmente a partir dos anos 2000, com o resgate dos investimentos públicos através da recuperação das certidões negativas da entidade e, principalmente, o resgate da confiança e do investimento privado, com a confiança na seriedade da entidade e dos resultados Internacionais expressivos.

A tradição vitoriosa da CBJ, com sua estrutura moderna e organizada, proporciona a seus atletas, treinadores e demais membros das comissões técnicas uma excelente estrutura de treinamentos e competições. Num círculo vicioso que é refletido nas conquistas internacionais da modalidade, a entidade consegue captar grande número de apoiadores e patrocinadores.

Além disso, com todo o ambiente esportivo que se desenvolveu no Brasil, principalmente após os Jogos Pan-americanos de 2007 no Rio de Janeiro, o país passou a receber grandes eventos de Judô, como etapas do calendário internacional que contam pontos para o ranking Mundial, entre elas quatro etapas de Grand Slam, quatro de Copa do Mundo, além de um Campeonato Mundial por Equipes, em 2012, e dois Campeonatos Mundiais de Judô, em 2007 e 2013.

Todo esse ambiente favorável, além da contribuição dos imigrantes japoneses no início do século passado, fez com que o Judô conseguisse atingir uma grande fatia da população do país. Estima-se que mais de 2,5 milhões de pessoas sejam praticantes da modalidade no Brasil.

Hoje, todos os estados brasileiros, além do Distrito Federal, estão representados por federações Estaduais filiadas à Confederação. Cada uma dessas federações estaduais tem estrutura suficiente para realizar um evento no mais alto padrão da Federação Internacional, inclusive os equipamentos tecnológicos de vídeo-replay e sistemas de competições.

Contando o quadro de medalhas geral em eventos da Federação Internacional de Judô (FIJ) desde 2009 consolida o Brasil como uma das quatro maiores forças do Judô Mundial.

Tabela 1¹: Quadro de medalhas eventos FIJ desde 2009, em 31/10/2015

#	País	Ouros	Pratas	Bronzes
1	Japão	422	249	394
2	Rússia	211	186	422
3	Brasil	214	223	340
4	França	221	188	354
5	Coréia do Sul	208	159	252
6	Alemanha	101	145	288

Após alcançar a alcunha de uma das maiores potências da modalidade, o grande desafio do Judô brasileiro é permanecer entre as maiores nações do esporte, além de desenvolver o esporte nacionalmente a fim de melhorar ainda mais sua posição no cenário mundial.

1.1. Delimitação do Estudo

Forjado sobre os ideais e valores da cultura japonesa, advindo de outra arte marcial, o judô hoje é reconhecido mundialmente e tem milhões de praticantes ao redor de todo o mundo.

Como ilustração, no último Campeonato Mundial, disputado em Astana, no Cazaquistão, 120 países foram representados por atletas. Sete países diferentes

¹ <http://judoinside.com>

conquistaram ao menos uma das quatorze medalhas de ouro em disputadas. Além disso, 23 nações diferentes conquistaram ao menos uma medalha nesta edição.

Somente no último ciclo olímpico, tivemos três Campeonatos Mundiais. Dezenove países diferentes tiveram medalhas de ouro, num total de 42 medalhas douradas. Quarenta e cinco países diferentes ganharam ao menos uma medalha em campeonatos Mundiais.

Em cada uma das escolas de judô do mundo, o esporte encontrou ferramentas e vias por onde pudesse se desenvolver. O Judô, adaptou-se a estrutura de cada uma das sociedades bem como ambientes que encontrou, adaptando-se de forma peculiar em cada lugar onde chegou.

Levando-se em consideração os resultados obtidos em competições da Federação Internacional de Judô pelas principais escolas de judô no mundo, destacam-se dentre, além da escola Brasileira, a escola francesa e, logicamente, a escola japonesa.

Tabela 2²: Quadro de medalhas Campeonatos Mundiais Ciclo Rio 2016, em 31/10/2015

#	<i>País</i>	<i>Ouro</i>	<i>Prata</i>	<i>Bronze</i>	<i>Total</i>
1	Japão	13	7	11	31
2	França	6	5	9	20
3	Brasil	2	4	6	12
4	Rússia	0	4	8	12
5	Alemanha	0	2	7	9
6	Coréia do Sul	2	0	6	8

Estes resultados não foram alcançados por acaso. França e Japão investem no desenvolvimento do Judô há mais de três décadas. O Brasil, principalmente nos últimos 15 anos, vem tendo melhores saldos dos investimentos no Judô competitivo.

1.3. Objetivos

² <http://judoinside.com>

O presente trabalho tem como objetivo geral fazer um comparativo em diversos aspectos estruturais das três principais escolas de judô do Mundo: Japão, França e Brasil.

Como objetivos específicos, este trabalho pretende demonstrar aplicabilidades para aspectos estruturais que existam nas escolas concorrentes e possam ser aplicadas no Brasil, suas implicações e possíveis resultados.

2. Material e métodos

Com a finalidade de fazer um comparativo dos aspectos estruturais das maiores escolas de judô do mundo, as ferramentas utilizadas foram as pesquisas de bibliografias que pudessem contribuir para a análise da escola japonesa e da escola francesa de Judô.

Além disso, foram feitas entrevistas com pessoas que pudessem trazer outros dados que auxiliassem em atingir o objetivo deste trabalho. Foram eles: Yuko Fujii, técnica da Seleção Brasileira de Judô, japonesa, e que teve toda sua formação como atleta feita no Japão. E Michel Brousse, vice-presidente da Federação Francesa de judô e uma das maiores autoridades mundiais em metodologia de ensino do judô e história da modalidade.

A literatura mais rica sobre o ensinamento de judô vem justamente do próprio Michel Brousse, que além de inglês, tem obras em espanhol e inglês. Ele é uma das pessoas responsáveis pela metodologia utilizada no ensinamento e desenvolvimento da modalidade na França.

No Brasil, existe literaturas de pessoas do meio como o Gestor Técnico da CBJ, Ney Wilson Pereira da Silva, que é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) nas cadeiras de Judô e Treinamento Esportivo. Outro importante autor é o professor Alexandre Velly Nunes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS).

Este trabalho também leva em considerações visões de seu autor, praticante da modalidade desde os três anos de idade, faixa preta, e que atua na área de gestão de alto rendimento da CBJ há 4 anos.

3. Contexto Histórico

3.1. Japão

O primeiro passo para analisar a estrutura de cada uma das escolas é contextualizar o momento no qual o judô foi inserido em cada uma das sociedades. Por ordem cronológica, o primeiro é o berço da modalidade.

Criador do Judô, Jigoro Kano nasceu em 1860, ainda no período em que o Japão era governado por Xoguns. Durante o período do xogunato, a sociedade japonesa era completamente fechada. Estrangeiros eram proibidos de entrar no território japonês e a sociedade se baseava ainda em modo de produção feudal. Além disso, havia a hierarquia instaurada pelos xoguns. Os samurais, soldados que serviam a aristocracia, eram obrigados a obedecer ao seu senhor, o *daimiô*³, seguindo um rígido código de honra, chamado de *bushidô*⁴.

Em *Bushido: The Warrior's Code*, Inazo Nitobe explica como o código era passado de soldado a soldado

Bushido abrange um Sistema de moral e princípios. Àqueles instruídos no código era esperado que se disciplinassem de acordo com o mesmo. As máximas eram passadas através do boca-a-boca ou exemplo. Se estudava com o mestre e o copiava. Às vezes, algumas das ideias básicas do Código Bushido eram escritas, mas geralmente apareciam em cartas, poemas e canções. (NITOBE, 1983, p.11, “tradução nossa”)

Com oito anos, Kano assistiu ao início de um momento histórico para o Japão. A partir de 1868, a era Meiji foi a responsável pela abertura do Japão ao mundo ocidental. Foi também a era que marcou o início da transformação do Japão em potência Mundial econômica.

No início da era Menji, em 1871, Jigoro Kano foi enviado pelos pais a Tóquio para que aprendesse inglês. Já aos 16, no ano de 1876, Kano vagou entre diversos esportes a fim de manter a saúde. Porém, a estatura de 1,50m e os 48kg não se encaixavam no perfil dos esportes tradicionais. Matriculou-se então nas aulas de Jiu-Jitsu (ou Ju-Jitsu ou Ju-jitsu). Após a morte de seus mestres, Jigoro Kano herdou todo o arquivo e, adaptando tudo o que havia aprendido, fundou em 1882 a Kodokan, onde passou a ensinar sua arte, já denominada Judô, no segundo andar de um templo budista.

³ “grande terra particular”, Senhor de terras

⁴ “caminho do guerreiro”, código de conduta e modo de vida dos samurais

Do templo budista, o caminho suave tomou proporções enormes e Jigoro Kano parecia saber que o Judô tomaria o Mundo. Tanto que ele foi o primeiro japonês a entrar para o Comitê Olímpico Internacional.

Kano não viu o Judô entrar para o programa olímpico. Morreu aos 77 anos, em 1938 quando fazia sua viagem de volta após presidir a Assembleia Geral do Comitê Olímpico Internacional no Cairo. O judô entrou pela primeira vez nos Jogos Olímpicos nos jogos de Tóquio em 1964 e regularmente a partir de 1972.

Segundo Massao Takahashi, foi justamente os jogos olímpicos que impulsionaram o sucesso e a popularização da modalidade

O rápido crescimento do Judô fora do Japão foi, em grande parte, um resultado do fato de o Judô ter sido aceito como um evento Olímpico. Muitas federações esportivas procuraram ganhar prestígio e reconhecimento internacional para seus países de origem como resultado. (TAKAHASHI, 2005, p7, “tradução nossa”)

3.2. França

Como mostra toda a sua história, a sociedade francesa está sempre na vanguarda dos principais movimentos culturais e artísticos. A curiosidade pelo novo, pelo desconhecido afluía no início do século, após a abertura do mundo oriental. O ocidente se encontrava fervoroso com as novas cores, novos traçados, novas representações culturais vindas do oriente.

Com o Judô não foi diferente. Jigoro kano já havia feito sua primeira viagem a Europa, em 1889 e demonstrado o Judô ao público inglês, com a presença de alguns aristocratas franceses. A novidade chegou rapidamente a França e até mesmo um dojo fora montado na avenida mais famosa do país, a *Champs Elysee*.

Mas foi somente em 1935 que o primeiro mestre de judô desembarca em Solo francês para ficar. Em quatro anos, Mikinosuke Kawaishi já havia inclusive formado seu primeiro faixa preta na França.

Em *Les racines du Judo français histoire d'une culture sportive*, Michel Brousse, explica um pouco do fascínio da sociedade francesa e os aspectos que fizeram o judo ter sucesso no território francês

[...] a história do Judô na França foi ter se colocado à serviço do mágico e do exotérico. Ela encorajou a evocação da origem de lendas e mitos, e estabeleceu crônicas apologéticas que servem a cultura dos mestres fundadores. (BROUSSE, 2005, P.14, “tradução nossa”)

Rapidamente o judô se espalha pelo território francês. Em 1943 acontece o primeiro campeonato nacional e em 1946 a Federação Francesa é criada. De lá para cá, o judô francês se consolidou como um dos maiores do mundo, criando até mesmo sua própria metodologia de ensino. Hoje estima-se que hajam 1,8 milhões de praticantes de judô na França. Somente registrados na Federação Francesa, dos 8 aos 80 anos, são mais de 600 mil.

3.3. Brasil

Pupilo de Jigoro Kano, Mitsuyo Maeda foi o nome que trouxe a desconhecida técnica japonesa para o Brasil em 1915. Pela data, nota-se que foi um pouco depois da vinda dos japoneses para o Brasil. No entanto, o papel de Conde Koma, como era conhecido, foi importante para popularizar o esporte no Brasil. Maeda aceitava desafios de mestres e alunos de outras modalidades. Maeda radicou-se em Belém, onde também ensinou a família Gracie.

Como foi dito anteriormente, o papel dos imigrantes Japoneses no processo de popularização do esporte foi fundamental, tanto que, nas regiões onde a imigração japonesa foi mais acentuada, são os grandes polos de judô no país até hoje.

A institucionalização do Judô no Brasil ocorreu somente a partir do final da segunda grande guerra. A Primeira federação estadual de judô foi criada em 1958, em São Paulo. O primeiro Campeonato Brasileiro de Judô foi realizado em 1954 e a Confederação Brasileira de Judô só foi criada em 1969. Antes disso, a atividade ficava sobre o guarda-chuva da Confederação de Boxe.

4. Estrutura e Gestão Organizacional

4.1. Comparação Japão e Brasil

A Kodokan foi criada por Kigoro Kano em 1882 com a missão de difundir o Judô. Sua importância é inegável para o mundo da modalidade. No entanto, ao final da década de e início de 50, o judô pleiteava uma vaga no programa dos Jogos Olímpicos, como conta Masao Takahashi

[...]Em 1948, o primeiro Campeonato Japonês do pós Guerra foi realizado, e no ano seguinte, a All Japan Judo Federation foi fundada. Após a Guerra, os professores de Judô focados em ensinar o Judô como uma base de educação, como parte para desenfaturar o aspecto de arte marcial e defesa pessoal e para, finalmente reconquistar inclusão nos jogos Olímpicos. (TAKAHASHI, 2014, p6, “tradução nossa”)

A All Japan Judo Federation (AJJF), entidade máxima da modalidade no Japão, foi fundada em 06 de maio de 1949. É a AJJF que tem a tutela sobre as equipes nacionais do Japão e os principais eventos do país, como o *All Japan Judo Championships*.

Recentemente, em 2013, após uma série de denúncias que deflagraram escândalos sexuais e de violência contra atletas, a AJJF sofreu uma reestruturação. Acusado de treinamento abusivo e assédio sexual, o então técnico da equipe japonesa Riyuji Sonoda demitiu-se. Após a intervenção do governo japonês, o presidente Haruki Uemura renunciou. Em abril de 2014 a AJJF divulgou nova estrutura organizacional.

A nova administração da Federação japonesa passou a ser assistida e auditada pela *All Japan Sports Council* (Conselho Esportivo Japonês), que é responsável pela preparação de todos os atletas para os jogos olímpicos. Diferentemente do Brasil, onde o Comitê Olímpico do Brasil é a instituição soberana, no Japão, o Comitê Olímpico Japonês é responsável pelos equipamentos e centros de treinamento, além de preparar os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020.

A AJJF portanto, recebe verbas do governo através do Conselho Esportivo japonês, além de ter seus patrocinadores próprios e a mesma fornecedoras de material esportivo que o Brasil, a Mizuno.

Na realização dos eventos, a AJJF fica apenas com o grande campeonato nacional, além de uma das principais etapas do calendário da Federação Internacional, o Grand Slam de Tóquio. Mas importantes campeonatos nacionais

são promovidos pelas Prefeituras de cada cidade japonesa, pelas universidades (*All Japan University Judo Federation*) e escolas (*All Japan High School Athletic Federation*) e por empresas.

As empresas, aliás, têm importante papel no suporte à modalidade. Além de promover competições, os principais atletas japoneses são contratados por estas empresas. Assim, os atletas representam suas empresas nas principais competições nacionais. Grande parte dos atletas exercem funções profissionais nas empresas em meio expediente e no restante do dia treinam e se preparam para competições.

4.2. Comparação França e Brasil

Criada em 1946, a Federação Francesa tem também sobre sua batuta, o Jiu-Jitsu, o Kendo e disciplinas associadas a estas artes. Hoje, tem organograma muito bem definido, bem como a definição das funções de cada uma das células desse organograma⁵.

Como dito anteriormente, a França investe uma quantia muito alta no judô, principalmente o alto rendimento. No entanto, é preciso entender aqui como a estrutura Francesa possibilita essa captação.

É importante também mencionar que, administrativamente, a França não é dividida em estados, mas sim em províncias. No entanto, em semelhança ao que acontece no Brasil, a Federação Francesa divide a administração em cinco regiões que não seguem as divisões oficiais político-administrativas do país.

Diferentemente do Brasil, a França não tem Federações por Estado. É a Federação Francesa que faz a gestão direta até a base da pirâmide. Isso significa dizer que todos os praticantes de judô do território francês estão diretamente ligados à Federação Francesa. Isso significa dizer que mais de 600 mil pessoas pagam a anuidade da Federação Francesa de 35 euros. Em cálculos grosseiros, a Federação Francesa tem uma receita, somente de anuidades, no montante de 21 milhões de euros.

Este montante é utilizado para todos os propósitos da Federação, desde exames de faixa, campeonatos nacionais, manutenção dos centros regionais e nacionais, até os gastos com viagens para treinamentos e competições das Seleções de base e principal.

⁵ Anexo 1 (organização administrativa da Federação Francesa)

Somadas a quantia recebida pela anuidade, a Federação Francesa recebe ainda verbas do Ministério do Esporte Francês e cotas de patrocinadores, entre eles um Banco, uma empresa de recrutamento, uma rede de hotel, uma marca de relógios, uma montadora, além de uma fornecedora de materiais.

Com relação ao alcance administrativo, a capilarização do judô francês é feita por 5 grandes regiões. No Brasil, a administração do Judô em cada estado é feita por cada uma das 27 Federações. É evidente que deve-se levar em conta o tamanho do território Brasileiro em comparação ao Francês, no entanto, é importante demonstrar como a centralização de uma importante fonte pode fazer com que possam ocorrer melhores investimentos.

A título de comparação, uma vez que o judô nos estados fica sobre tutela direta das federações estaduais, a Confederação Brasileira tem registrados além dos faixas pretas, somente os atletas que participam de competições nacionais. Com isso, o número de atletas registrados e que pagam anuidade na Confederação chegam a apenas 50 mil.

5. Seleção Principal

5.1. Comparação Japão e Brasil

O quadro de atletas que compõem a seleção japonesa é semelhante ao do Brasil. No entanto, a quantidade de profissionais que atendem os atletas é menor do lado japonês, com exceção da área técnica.

No Japão há, além do Técnico chefe, um técnico para quase cada uma das categorias de peso em cada um dos nipes. Isso possibilita o maior foco nas necessidades e nas peculiaridades de cada uma das categorias de peso.

Apesar do número de profissionais multidisciplinares ser maior do lado brasileiro, a seleção japonesa vem aumentando este número, principalmente após o resultado inesperado nos jogos de Londres 2012. Gradualmente a seleção japonesa terá mais profissionais que a brasileira em curto prazo de tempo, uma vez que eles estão dando cada vez mais ênfase a áreas como nutrição, preparação física e fisioterapia.

Com respeito a parte monetária, apesar de alguns técnicos receberem apoio do Conselho Esportivo e da Federação Japonesa, sua grande maioria não recebe salário ou remuneração. Os técnicos japoneses são professores Universitários e cada Universidade cede este profissional para a seleção japonesa. Já os profissionais multidisciplinares são remunerados.

Com relação aos atletas, não há apoio financeiro direto por parte da Federação ou do Conselho. Como dito anteriormente, grandes empresas japonesas contratam estes atletas como profissionais. Além disso, o esporte é uma possível porta de entrada para as universidades japonesas.

5.2. Comparação França e Brasil

Estruturalmente, as Seleções Francesa e Brasileira são semelhantes. O número de atletas que compõem o quadro de atletas da seleção é semelhante, no entanto a quantidade de membros da comissão técnica multidisciplinar que atendem a seleção são maiores no lado frances.

Além disso, na França há a separação notável dos profissionais que atendem a seleção feminina e a masculina. No Brasil, isto só acontece na área técnica, enquanto lá, cada um dos gêneros tem profissionais exclusivos.

Com investimentos maciços a pelo menos 30 anos, a seleção Francesa de judô é uma das mais vencedoras no cenário do Judô mundial. São 43 medalhas de ouro em Campeonatos Mundiais e 12 em Jogos Olímpicos. O Brasil tem seis medalhas de ouro em Mundiais e três em Jogos Olímpicos. A diferença de investimento está ligada diretamente com a qualidade dos resultados.

A Confederação Brasileira de Judô acabou de construir seu centro de treinamento na Bahia. A Federação Francesa conta com cinco núcleos regionais, além de dois grandes centros na capital. Mais para frente falarei sobre a utilização desses centros, mas como comparativo de condições de treinamento, vale constar a comparação.

6. Ensino e captação de talentos

6.1. Comparação Japão e Brasil

Após a segunda grande guerra, apensar da continuidade do esporte, o ensino do judô nas escolas do Japão foi proibido, conforme conta Vlastos (1998, p173, “tradução nossa”). “[...]Em 1948 a Kodokan foi autorizada a retomar o All Japan Championships, fundado por Kano em 1930. No entanto, o ensino de Judô nas escolas ainda era proibido”. Somente após a desocupação foi possível que o judô voltasse a ser ensinado nas escolas.

No entanto, esta abertura do Japão para o ocidente, benéfica para o judô ao redor do mundo, foi prejudicial ao judô japonês, com a perda do interesse das crianças diante de modalidades concorrentes como o futebol e beisebol, principalmente a partir dos anos 80.

Hoje já há um movimento para que o judô volte a ser parte da grade curricular das escolas japoneses, apesar da resistência da sociedade japonesa, principalmente após os escândalos deflagrados em 2013.

Assim como no Brasil, o judô japonês não tem uma cartilha ou metodologia definida para seu ensino. Existe um guia para o ensino de judô nas escolas, no entanto a grande maioria dos pequenos judocas tem sua iniciação num clube local chamado *Mati-Dojo*. Para os professores que ensinam no *Mati-Dojo*, não existe nenhuma guia ou metodologia definida. Cada *Mati-Dojo* e cada *Sensei* ensina a modalidade através do conhecimento empírico, que ele absorve pelo que lhe foi ensinado. Há um esforço da AJJF para que o Japão possa montar um sistema de ensino de judô para as crianças.

A *All Japan High School Athletic Federation* promove as competições para judocas escolares e a *All Japan University Judo Federation* promove as competições universitárias. Destas competições, além das competições promovidas pelas prefeituras, saem os indicados a fazerem parte da seleção japonesa.

A falta de uma política do esporte no Brasil faz com que as competições escolares e universitárias não tenham o mesmo peso que no Japão. As Universidades japonesas são grandes polos de desenvolvimento do esporte, inclusive recebendo equipes estrangeiras.

6.2. Comparação França e Brasil

A França possui sua própria metodologia de ensino de Judô. E pelos números demonstrados, é uma metodologia que funciona. Diferentemente do método de ensino japonês, a metodologia francesa se preocupa com o aluno, quebrando um pouco a tradicional relação entre mestre e pupilo.

Entre outros locais, o Judô é ensinado em clubes exclusivos do esporte. Estes clubes, portanto, tem um papel importantíssimo na introdução do Judô e sua filosofia na vida dessas crianças francesas. E é o método francês que permite a Federação francesa regular a qualidade do ensino do esporte.

O método francês, antes de tudo, força que o aluno raciocine antes de qualquer ação. Além disso, a Federação Francesa disponibiliza cursos e matérias que auxiliam os professores nas aulas. Assim como no Brasil, para ser professor de Judô, é necessário ter o diploma de Educação Física, além, é claro, da faixa preta.

Graças aos polos regionais, citados anteriormente, a França é capaz de trabalhar os talentos encontrados por todo o território francês. Nestes centros, além do treinamento de judô, os atletas moram, se alimentam e estudam obrigatoriamente, retornando para casa somente aos fins de semana.

A seleção para os polos nacionais é feita através dos campeonatos regionais e dos técnicos das seleções de base francesas. Mesmo os atletas dos núcleos, defendem seus clubes nas competições regionais e nacionais. Por sua vez, os clubes tem o entendimento da importância do núcleo na formação e no desenvolvimento de seus atletas, abstendo-se de sentimentos protecionistas ou vaidades com relação à seus atletas.

Com ajustes, a ideia dos polos regionais pode ser viável e seria também uma boa saída para a descentralização e o problema do tamanho territorial de nosso país. No entanto, é preciso trabalhar a cultura clubista presente no ambiente do Judô.

7. “Nada se Cria, tudo se copia”⁶

A Confederação Brasileira de Judô foi uma das pioneiras a introduzir diferentes áreas multifuncionais na preparação dos atletas, como o acompanhamento nutricional e o treinamento psicológico. Hoje, várias equipes, inclusive a Francesa e a Japonesa, utilizam estas mesmas ferramentas na preparação de seus atletas. Porque não tomar alguns exemplos deles e adaptá-los à realidade brasileira?

7.1 Programa Ippon Brasil

Com a necessidade de aumento do investimento no esporte, a CBJ precisa encontrar novas receitas. Atingindo diretamente a cada praticante da modalidade, a Federação francesa garante um orçamento que a permite independência do dinheiro público. Apesar das Federações, é possível que a CBJ possa atingir seus praticantes, os fidelizando e os aproximando da seleção Brasileira de Judô. Com isso, uma possibilidade seria a criação de uma espécie de programa sócio torcedor do judô brasileiro.

O programa “Ippon Brasil” teria como objetivos Cativar, surpreender e fidelizar o amante do esporte, valorizar a marca CBJ e de seus patrocinadores, além de claro, potencializar recursos para a Confederação. Esta é uma oportunidade de mercado que não se restringe à praticantes da modalidade, não se restringe à torcedores de uma agremiação, é propícia ao histórico e ao momento da Modalidade no país, além de ser propícia num ambiente Olímpico;

Através de uma quantia mensal, os torcedores do judô brasileiro teriam benefícios exclusivos, brindes exclusivos, sorteios exclusivos além de descontos através de parcerias com os patrocinadores e empresas parceiras da CBJ. Como ilustração, a matriz de marketing do programa seria a seguinte:

⁶ Frase original: “Na TV nada se cria, tudo se copia”, de José Abelardo Barbosa de Medeiros, o Chacrinha



A título de ilustração, com esta ação, as possibilidades de Receita, após um investimento Inicial de R\$ 500 mil no primeiro ano, alcançando 5% dos praticantes de Judô no Brasil (5% de 2mi, 100 mil), com um ticket médio de R\$10 reais ao mês, totalizam R\$ 1 milhão de receita ao mês. Com 30% a 40% de custos com promoção e produção, isso abonaria cerca de R\$ 600 mil ao mês como uma nova fonte de receita para a Confederação.

7.2 Polos regionais de Alto Rendimento

Com um país de dimensões continentais, é preciso criar ferramentas para o desenvolvimento do esporte em cada canto do país. A falta de estrutura em algumas regiões pode fazer com que a CBJ possa perder potenciais atletas como Sarah Menezes, piauiense, campeã olímpica em Londres 2012.

Além do Centro de treinamento de Lauro de Freitas na Bahia, é preciso desenvolver outros polos ao redor do país, seguindo o exemplo francês, onde estes atletas possam respirar judô, desenvolver-se e dar retorno com resultados.

7.3 Escola Brasileira de Judô

Calcanhar de Aquiles do Judô brasileiro. É preciso um trabalho mais incisivo na capacitação técnica dos técnicos, aumentar o pipeline e a renovação de atletas, melhorar a identificação e seleção dos talentos. Tudo isso seria possível com a

oficialização de uma metodologia de ensino, formação e treinamento de Judô no Brasil.

Sobre a metodologia, este trabalho não se aprofundou, uma vez que é objeto de estudo da Academia Brasileira de Treinadores do IOB e foge do foco principal deste curso. No entanto é importante frisar que a criação da Escola Brasileira de Judô como ferramenta para difusão desta metodologia seria uma ação interessante na busca pelos objetivos.

Como estrutura para as aulas, cursos e demais ações da Escola, os polos sugeridos no item anterior poderiam abrigá-los, justificando ainda mais a criação destes centros.

8 Conclusão

É importante salientar que as propostas apresentadas são possíveis soluções para o desenvolvimento do esporte que mais medalhas trouxe para o Brasil em Jogos Olímpicos.

Não menos importante, é preciso que tenhamos em mente que nossos adversários investem maciçamente na modalidade a pelo menos 30 anos com quantias muito maiores das que a Confederação jamais dispôs.

Além disso, a modalidade se desenvolve em velocidade muito grande ao redor do Mundo. Países que nunca tiveram história na modalidade hoje se colocam como grandes forças no judô, como Israel, Kosovo, Mongólia. Mesmo a Colômbia, com muito menos tradição que o Brasil, tem a sua medalhista Olímpica e tri-campeã Mundial, Yuri Alvear.

Portanto, é preciso ter paciência quanto à chegada dos resultados, não só em comparação às Escolas francesa e japonesa, mas também aos demais adversários do cenário internacional.

9. Referências Bibliográficas

ALL JAPAN JUDO FEDERATION. Organization chart. Disponível em: < <http://www.judo.or.jp/english/aboutus> >. Acesso em: 26 mai. 2015.

BEFU, Harumi, GUICHARD-ANGUIS, Sylvie, Globalizing Japan: Ethnography of the Japanese Presence in Asia, Europe, and America, Routledge, Estados Unidos e Inglaterra, 2 de set de 2003

BROUSSE, Michel. Les racines du judo français: Histoire d'une culture sportive. Pessac: Presses universitaires de Bordeaux, 2005

BROUSSE, Michel, MESSNER, Nicolas. Judo for the World. International Judo Federation, 2015

CORDEIRO Júnior, Orozinbo, FERREIRA Marcelo, RODRIGUES, Anegleyce, A evolução sócio-histórica do judô: primeiras aproximações, Revista Da Educação Física/Uem 10(1):13-21, 1999

_____. Escândalos sexuais causam renúncia da cúpula da Federação Japonesa de Judô, UOL, 07/2013, < <http://esporte.uol.com.br/judo/ultimas-noticias/2013/07/30/escandalos-sexuais-causam-renuncia-da-cupula-da-federacao-japonesa-de-judo.htm>>. Data de acesso: 15/06/2015

FEDÉRATION FRANÇAISE DE JUDO. Organigramme DTN. Disponível em: < <http://www.ffjudo.com/ffj/La-federation/Organigramme-DTN> >. Acesso em: 26 mai. 2015

_____. From martial art to olympic Sport. IJF News, [s. l.], n.7, 2011. Disponível em: <<http://www.intjudo.eu/magazinok/ijfnewsletter07/>>. Acesso em: 28 jun. 2015

NITOBÉ, Inazo, Bushido : the warrior's code, Burbank, Estados Unidos 1983

NUNES, Alexandre Velly., RUBIO, Kátia. As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.4, p.667-78, out./dez. 2012

OLYMPIC SOLIDARITY. Managing Olympic Sports Organizations;

_____.Presidente da Federação Japonesa de Judô renuncia após escândalos, Gazeta Esportiva, 07/2013, <

<http://esporte.uol.com.br/judo/ultimas-noticias/2013/07/30/escandalos-sexuais-causam-renuncia-da-cupula-da-federacao-japonesa-de-judo.htm>>. Data de acesso: 15/06/2015

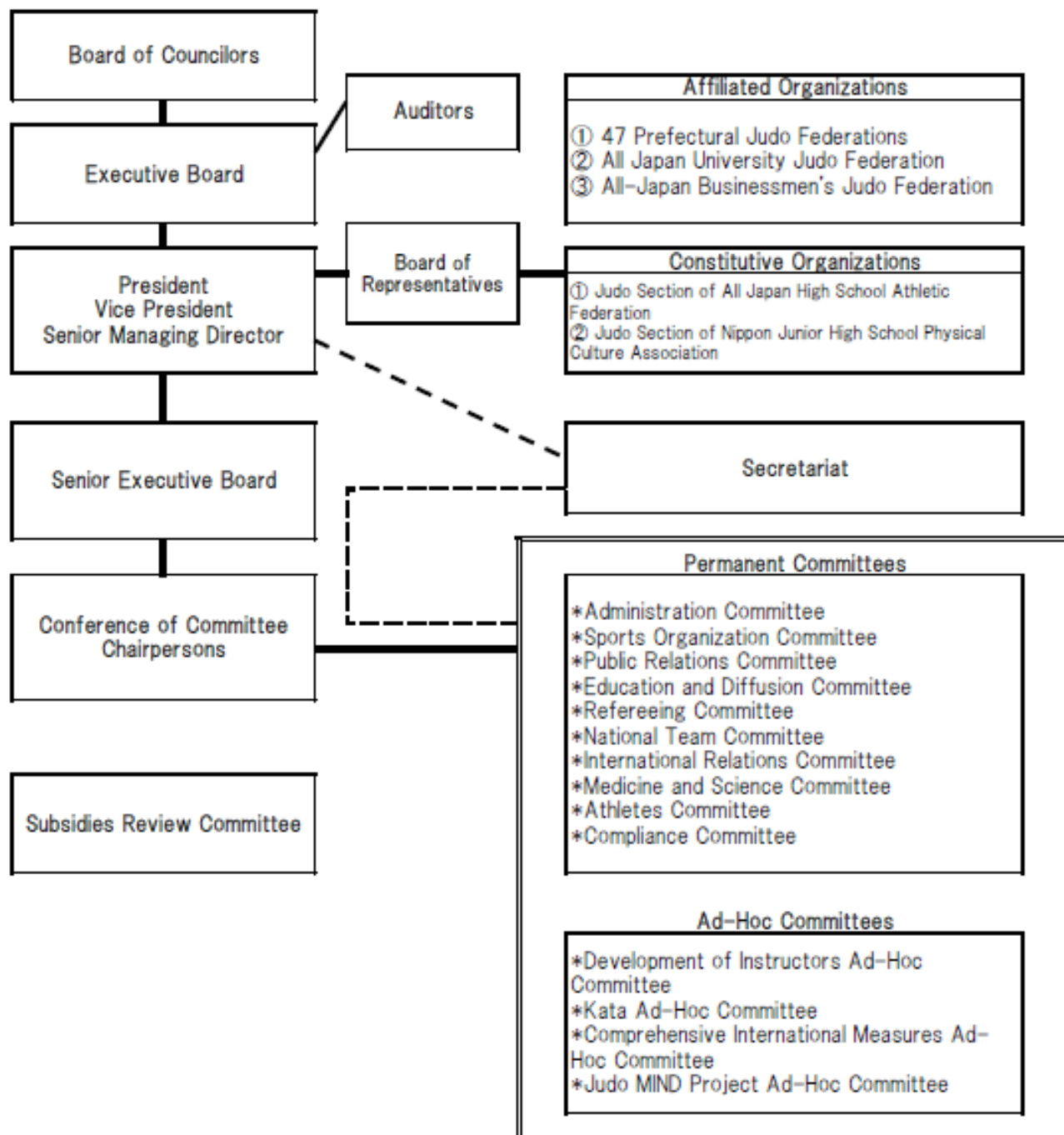
TAKAHASHI, Masao, Mastering Judo, Human Kinetics Profe, Estados Unidos 2005

VLASTOS, Stephen, Mirror of Modernity: Invented Traditions of Modern Japan, University of California Press, 1998

Anexo I: Organograma AJJF

All Japan Judo Federation Organizational Chart

as of April 1st, 2014





Organisation Exécutif FFJDA

